

Suplemento do Património

Mensal | Ano 11 | N.º 73 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Igreja de Barrosas (Santo Estêvão)

Cristiano Cardoso* e Elsa Silva**

A freguesia de Santo Estêvão fica situada entre dois proeminentes montes, no interior do vale formado pela Ribeira de Sá. A ponte é protegida pelo monte de São Mamede, a nascente eleva-se o monte dos Maragotos, que domina o vale e prolonga a visão até ao vale do Vizela. A Ribeira de Sá corre, predominantemente, de Sul para Norte, atravessando toda a freguesia e dirigindo-se para o Rio Vizela onde desagua. A paisagem, verdadeiramente imponente e dominante, é fortemente marcada pela orografia que apresenta altitudes superiores a 500m, baixando, no fundo do vale, aos 250m. É neste vale profundo que se localizam os terrenos mais férteis, desde muito cedo ocupados pelo homem.

O primeiro registo que se conhece relativo à *ecclesia sacto stephano* – igreja de Santo Estêvão – surge no Inventário de bens e propriedades do Mosteiro de Guimarães realizado no ano de 1059 (Guimarães, 1908:49). Nas Inquirições de 1258 mencionam-se a existência de 16 casais que pertenciam a diversos senhorios, entre os quais o Mosteiro de Santa Maria de Oliveira (Famalicão), a Ordem do Hospital, o Mosteiro de Caramos, o Mosteiro de Cete e o Mosteiro da Costa, sendo igualmente referidos diversos reguengos (Lopes, 2004:175 e 176). Ainda segundo as Inquirições de Dom Afonso III, o padroado da igreja de Santo Estêvão de Barrosas estava na posse do cavaleiro Lourenço Ferraz (Idem, 175), cujo direito lhe terá vindo pelo casamento com Beringeira Fernandes, filha de Fernão Anes de Refóios, como nos afirma Felgueiras Gaio (1938:11). Em data que se desconhece este direito de apresentação do pároco passou para a Mitra de Braga (Costa, 1706:113) (Cardoso, 1747:86). À estirpe destes Ferrazes pertencia ainda o direito de padroado da vizinha



Figura 1 - Torre sineira que compõe a fachada principal.

igreja de São Tiago de Lustosa (Lopes, 2004:244).

A igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas pelas suas características formais apresenta-se como um templo construído segundo os padrões arquitectónicos do século XVIII. No seu todo demonstra soluções e pormenores bastante interessantes, que tentaremos explicar através da análise arquitectónica e do seu património móvel.

Num cunhal da fachada podemos observar uma inscrição, já muito apagada, com a data 1734. Esta data corresponde à bênção da igreja na sequência de uma profunda remodelação iniciada, tudo indica, no ano precedente. Os capítulos das visitas publicados no *Livro de Visitações* desta igreja deixam-nos perceber que as preocupações com o estado de deterioração da igreja e com a sua exiguidade já vinham sendo observados pelos visitantes, pelo menos, desde 1726. Neste preciso ano o visitador alerta para a *pouca segurança* das portas da igreja, constituindo um convite a que se profane o sagrado rou-

bandosse o prezioso delle (Visitações, fl. 9v). Mas será o visitador António Rodrigues Pinto, abade de Santa Marinha de Chorense, que, pela primeira vez, registará um capítulo referente à necessidade de uma *igreja nova*, na visita efectuada a 26 de Abril de 1728: *O templo desta igreja he muito lemitado que nella não cabe bem a gente como ocularmente exprimentei e está tão antigo e indecente que ameaça ruína e não parece caza de Deos*. O padre visitador manda que os *fregueses desta freguesia se animem a fazer a fundamentis o corpo da igreja*, acrescentando que o mesmo deverá ter, pelo menos, 50 palmos de comprimento, 30 de largura e 27 de altura *ou como melhor poder a arquitetura que fique obra perfeita: lhe mandarão abrir duas frestas de seis palmos de alto e tres de largo [...] e um pulpito muito bem feito [...] e pera esta obra se fintarão cada hua segundo suas poses e ânios voluntariamente e co-ando assim o não fação o juiz do Subsino recorra aos meios que tem por carta de finta*. Da construção da nova capela-mor ficava incumbido o pároco de Santo Estêvão que a deveria fazer *com a grandeza que pedir o corpo da igreja* (Visitações, fls. 10v e 11).

Nas quatro visitas seguintes os visitantes renovam o capítulo relativo à construção da igreja nova, por sucessivos incumprimentos dos fregueses que protelavam o começo das obras. Finalmente, na visita de 9 de Outubro de 1733, o visitador Domingos Lopes Camelo, abade de São Miguel de Gondufe, já refere que os *fregueses trabalham com muito cuidado nas suas obras*, mas adverte-os no sentido de que todos acartem *pedra e materias para a igreja [...] pois não he justo que huns fação todos os carros, e outros não fação nenhuns* (Visitações, fls. 14v e 15).

* Técnico Superior de Ciências Históricas. CML.

** Técnica Superior de História de Arte.

No ano de 1734 não é feita visitação à igreja de Santo Estêvão, mas sabemos que as obras já deveriam estar praticamente concluídas, pois o juiz do Subsino, entidade responsável pela fábrica da igreja – isto é, do corpo da igreja –, requer a bênção do templo, tendo-lhe sido passada uma provisão para que o pároco proceda nesse sentido (*Petição*, fls. 216v e 217).

Segundo a tradição local, esta edificação da primeira metade do século XVIII terá sido implantada em local diferente da igreja pré-existente, que se situaria, de acordo com a mesma memória, no fundo do vale. No entanto, a análise da documentação não corrobora tal ideia. Em nosso entender, a igreja edificada em 1733-34 implantou-se na mesma plataforma de uma outra que remontaria pelo menos à primeira metade do século XVI. É o que se depreende do Tombo da Igreja de Santo Estêvão de Barrosas realizado no ano de 1548. Para o atombamento do passal ou assento da igreja – única propriedade em posse da paróquia de Santo Estêvão – estão presentes o abade da mesma, Pêro Monteiro, e o seu capelão, Gervásio Pacheco. São igualmente citados os representantes das terras que confrontavam com o assento: Sebastião Gonçalves, do Casal, Jorge Anes, de Cimo de Vila, Ambrósio Pires, do Preguntório, e Pêro Pires e Jorge Pires, ambos da Lama (*Tombo*, fl. 1). As referências toponímicas associadas ao tomo correspondem precisamente às que limitam o terraço de meia encosta no qual se implanta a igreja. Em todo o caso, a memória que, oralmente se conserva até aos dias de hoje, poderá sugerir a existência de uma igreja primitiva muito mais antiga, que se terá extinguido ou reduzido a capela.

A igreja de Santo Estêvão de Barrosas destaca-se principalmente pelas formas pouco comuns que utiliza na sua arquitectura, assim como, pelos esquemas ornamentais bastante originais.

Na análise do seu exterior, este templo segue os padrões construtivos

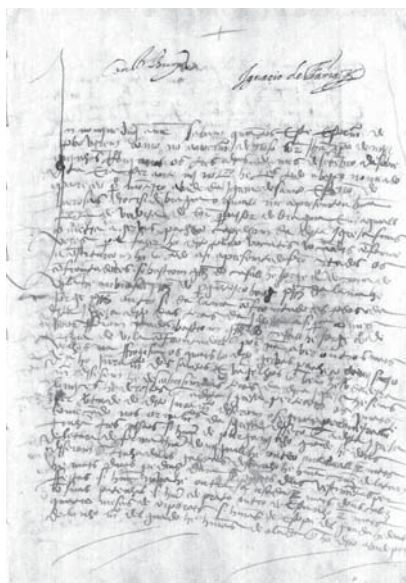


Figura 2 - Fólio 1 do Tombo de 1548.

do século XVIII, ou seja, do estilo barroco¹, mas existem elementos na sua estrutura que nos remetem para outro vocabulário, como iremos observar. No entanto, deveremos sempre ter em atenção a assimilação vernácula² e de cariz local que estes templos normalmente transparecem na sua personalidade, no seu estilo e nas suas formas. Um dos aspectos mais interessantes da arquitectura local, é precisamente a forma como os artistas interpretaram modelos mais eruditos, transformando-os numa versão muito própria, para corresponder às necessidades sociais e espirituais de um ambiente local.

Ao analisarmos este edifício, o elemento que nos chama à atenção é a torre que compõe a fachada principal (fig.1). Apresenta uma planta quadrangular e surge dividida em três registos, o primeiro servindo de galilé e composto por três aberturas de volta perfeita, uma central e duas laterais. No interior deste espaço podemos visualizar a cobertura em cruzaria de ogivas terminando ao centro por um motivo floral. Este pequeno detalhe chamou-nos atenção, para soluções

utilizadas normalmente na arquitectura gótica e renascentista, ou seja, a base da torre é aberta servindo de espaço de abrigo e é também abobadada. Ainda neste espaço no interior da galilé, podemos observar um portal em cantaria, que nos indica a entrada principal do templo. Formalmente apresenta-se bastante simples contrastando com as linhas sinuosas que caracteriza a restante composição da torre.

No segundo registo (zona que corresponde ao coro-alto), a torre é ornamentada por um nicho que alberga a imagem do Padroeiro, executada em pedra e com vestígios de policromia. A ladear este nicho temos duas janelas vazadas que permitem a entrada de luz para uma pequena sala que antecede o espaço do coro. Esta estrutura de suporte é ornamentada por uma moldura em cantaria, de forma contracurvada, formas estas que nos remetem para a estética barroca. Ainda neste mesmo registo podemos observar uma faixa estreita, em cantaria ornamentada, que decorativamente faz a ligação do primeiro registo para o pedestal em que é apresentado Santo Estêvão. A terminar este nível, é utilizado um remate contracurvado que se prolonga pelos alçados laterais da torre.

No terceiro nível abrem-se quatro vãos semi-circulares onde vemos inserido o sino da igreja. Este registo termina com um remate de formas movimentadas, que mais uma vez acentua a preocupação de continuidade formal de todo o conjunto. A culminar a estrutura temos uma cobertura bulbiforme em cantaria, sendo ornamentada por quatro pináculos em cada uma das suas extremidades e rematada centralmente por uma cruz. No seu todo a torre é caiada e delimitada por pilastras.

Os alçados laterais do corpo ou nave da igreja apresentam-se caiados e de linhas simples, sendo a sua sobriedade apenas interrompida por dois vãos de iluminação em cada alçado, de forma rectangular e cercados por uma moldura em granito. No entanto,

¹ Carlos A. F. d e Almeida na sua análise no *Inventário da Terra do Sousa*, refere que a igreja de Santo Estêvão, é um edifício extremamente curioso, em estilo barroco, muito local. (ALMEIDA, 1995: 124)

² Património vernáculo: Reconhecido como uma criação característica e genuína da sociedade, que se manifesta de forma aparentemente irregular, embora possua uma lógica própria.

O património construído vernáculo é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade e das suas relações com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo.

Este património vernacular resulta de um processo evolutivo que inclui necessariamente, alterações e uma adaptação constante em resposta aos constrangimentos sociais e ambientais. (*Carta sobre o Património Construído Vernáculo*. Icomos, Cidade do México, 17 a 23 de Outubro de 1999)



Figura 3 - Vista da capela-mor para a nave e coro-alto.



Figura 4 - Vista do conjunto de elementos inseridos no vão colateral esquerdo; confessionário; tábuas dos dez mandamentos; painéis revestidos a folha de ouro.



Figura 5 - Vista do conjunto de elementos inseridos no vão colateral direito; pia baptismal; painéis revestidos a folha de ouro.

o alçado lateral esquerdo, além de apresentar também dois vãos de iluminação é composto por um vão de entrada que dá acesso à nave da igreja. Nas extremidades são representados pináculos de forma piramidal. O último volume que compõe esta igreja é o espaço da capela-mor, mais baixo que a nave e de forma rectangular. O seu alçado lateral direito é composto apenas por um vão de iluminação que segue os mesmos parâmetros dos vãos da nave. Enquanto o alçado lateral esquerdo apresenta também um vão de iluminação, abrindo-se dois vãos de entrada: um de acesso à capela-mor e outro de acesso à zona posterior do altar-mor, que actualmente serve, de espaço de arrumos e preparação do Pároco. Neste espaço podemos observar uma imagem do Menino Deus e um espelho com uma moldura reaproveitada de outra peça. O alçado posterior de empena triangular é rematado por uma cruz ao centro e ornamentado lateralmente por dois pináculos de forma piramidal.

No âmbito desta campanha de obras de renovação da igreja, o seu exterior foi caiado de novo, assim como, se procedeu a uma limpeza a todas as zonas de cantaria. Também o adro e todo o espaço envolvente da igreja sofreram intervenção.

O seu interior é composto por uma

nave de planta longitudinal e capela-mor. O seu espaço interior encontra-se bastante diferente daquilo que poderíamos observar há cerca de dois anos atrás, tanto ao nível espacial, assim como, da distribuição da imagi-nária.

Em 1758 o Pároco de Santo Estêvão de Barrosas refere o seguinte: *Tem três altares a igreja, a saber, hum do Santissimo Sacramento, outro da Senhora do Rozario, outro do Martir Sam Sebastião. E não tem naves e tem hua ermandade das Almas* (Capela, Borralheiro e Matos, 2009: 300). Este registo das Memórias Paroquiais, comparando com a memória do século XX e XXI, demonstra algumas das alterações que esta igreja veio sofrendo ao longo dos séculos.

Grande parte do aspecto que vemos actualmente deve-se às renovações começadas no ano de 2008 e terminadas em 2009. Junto à entrada principal foi executado, neste âmbito, um guarda-vento em madeira. A encimar este espaço temos o coro-alto completamente novo e com proporções bastante diferentes do original (fig.3). A nave é composta por três vãos de volta perfeita localizados nos alçados laterais, caiados e revestidos por um conjunto de painéis de azulejo de padrão policromado, do século XX. No alçado lateral esquerdo podemos observar num dos vãos a imagem de

Nossa Senhora da Conceição. No entanto, neste espaço, antes da renovação podia-se observar a pia baptismal. A imagem mencionada é uma peça bastante recente na igreja e foi adquirida na cidade de Braga.

No seguimento deste alçado encontramos outro vão que alberga, sobre um pedestal, a imagem de Santo António, mas que outrora, esteve inserida no altar-mor.

No último vão localizado no alçado lateral direito, encontramos a imagem do Sagrado Coração de Jesus que ocupa quase todo

o espaço vertical deste vão.

Ainda neste mesmo alçado estão localizadas, sobre duas peanhas mais duas imagens, Cristo Crucificado e a representação de Nossa Senhora de Fátima.

A fazer a ligação entre o espaço da nave e o arco cruzeiro, rasgam-se dois vãos colaterais que outrora terão sido abertos para albergar dois altares³. O aspecto actual destes vãos foi reposto na campanha de intervenção, mencionada anteriormente. Até esse momento, estes vãos colaterais estavam escondidos por uma camada de cimento e cal. Hoje estes vãos são espaços que albergam dois elementos centrais da igreja. No vão colateral direito está colocado o confessionário (fig.4) com um *design* contemporâneo e realizado em madeira. Na parede deste vão encontramos uma peça em madeira que representa as Tábuas dos Dez Mandamentos.

No vão colateral direito (fig.5), observamos a pia baptismal em pedra e ornamentada por alguns motivos florais e uma cruz. A rodear toda a pia surge um elemento que recorda a ornamentação em forma de corda. A base da pia não é a original.

Ainda nestes dois vãos, a ornamentar as paredes, estão inseridos cinco painéis dourados a folha de ouro e com motivos gravados⁴. Segundo al-

³ *A Paróquia de huma só nave está quasi no principio para a parte de Nascente, pegada a hum monte desviado de vizinhos: he orago della Santo Estêvão, de cujo Santo há huma reliquia: tem tres Altares, o mayor, e dous collateraes no corpo da Igreja: no mayor se venera a imagem do Santo Padroeiro, e nelle há Sacratio com o Santissimo Sacramento: tem mais a Imagem do Menino Deos: o collateral da parte do Evangelho he dedicado a Nossa Senhora: o da parte da Epistola tem as imagens de Santo António, S. Sebastião: tem duas Confrarias, huma do Santissimo, outra das Almas. Costumam os fregueses festejar por devoção, o nome de Deos, Nossa Senhora, Santo Antonio, São Sebastião, e Santo Estêvão* (Cardoso, 1747:85 e 86).

⁴ Obra realizada pelo escultor Paulo Neves.

gumas fontes orais, o conjunto de três painéis representarão a Santíssima Trindade, no entanto, a temática representada no outro conjunto é ainda desconhecida. No alçado lateral esquerdo vemos o antigo púlpito que também sofreu intervenção. A diferenciar o espaço da nave para a capela-mor encontra-se o arco cruzeiro, de volta perfeita, delimitado a cantaria. Numa cota mais alta do espaço da capela-mor vemos uma mesa de celebração composta por quatro colunas que foram reaproveitadas do altar que



Figura 6 - Representação de Santo Estêvão

existiu no corpo da igreja. Na parede fundeira da capela-mor encontra-se a estrutura retabular (fig.7) totalmente renovada. Este retábulo é composto por base, corpo e remate. É revestido por uma camada pictórica branca e purpurina dourada. Da sua imaginária é de destacar a imagem de Santo Estêvão^{5,6} (fig.6) e a imagem de Nossa Senhora da Paz⁷. Na base foram realizadas novas portas de acesso à parte posterior do retábulo e também foi substituído o frontal da mesa do altar. Colocado sobre a base da mesa do altar encontramos o Sacrário.

No corpo, ao centro, abre-se a tribuna, na qual se encontra inserido o trono eucarístico. Esta peça sofreu intervenções, no entanto, consegue manter quase intacta a sua estrutura e ornamentação. O tecto da tribuna, agora em forma de caixotões e as tábuas laterais são peças completamente novas. A rematar o trono eucarístico temos uma cruz com Cristo Crucificado e na parede fundeira da tribuna, a anteceder esta peça, encontramos uma moldura ornamentada, envolta por um resplendor. Estas peças não pertenciam à estrutura do altar-mor, foram reaproveitadas da Casa Paroquial. O seu remate também



Figura 7 - Estrutura retabular inserida na capela-mor (depois da intervenção)

sofreu intervenção ao nível da policromia.

Quanto à estrutura de suporte do altar todas as madeiras foram renovadas, alterando a estrutura original da teia e trama do retábulo. Ainda neste espaço podemos observar um conjunto de mobiliário, todo ele recentemente adquirido pela paróquia. O ambão, localizado lateralmente à mesa de celebração, é uma peça reaproveitada do antigo altar do sagrado Coração de Jesus, outrora localizado no alçado lateral direito.

A igreja de Santo Estêvão de Barrosas foi alvo de uma campanha de intervenção que veio alterar significativamente o seu interior, dessas mudanças destaca-se: o novo mobiliário da nave que segue as mesmas linhas de *design* do confessionário, ou seja, um trabalho bastante sóbrio; o restauro de todo o soalho e tectos (nave e capela-mor); a renovação do coro-alto, com nova espacialidade e mobiliário, assim como, a construção de um guarda-vento; a mudança de imaginária e os novos enquadramentos da pia baptismal e do confessionário; a abertura de vãos e a remodelação da capela-mor.

Bibliografia

Fontes Manuscritas:

*Visitações*_Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Paróquia de Barrosas (Santo Estêvão). *Visitações*. 1719-1812.

*Petição*_Arquivo Distrital de Braga. Registo Geral. Lv. 166, fls. 216v e 217.

*Tombo*_Arquivo Distrital de Braga. Registo Geral. Cx. 240.1.

Fontes impressas e Bibliografia:

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1995) – *Patrimonium*. Inventário da Terra de Sousa. Concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira. Ficha de Inventário 124. [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos Lda.

CAPELA, V., MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2008) – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Memórias, História e Património. Braga. Edição de autor.

CARDOSO, L. (Pe.) (1747) – *Dicionário Geografico*.... Lisboa:

Regia Officina Sylviana. Tomo I. [Em Linha]. [Consult. a 31.1.2010]. Disponível em <http://purl.pt/13938>.

Carta sobre o Património Construído Vernáculo. (1999) Icomos, Cidade do México.

COSTA, A. C. da (1706) – *Corografia portuguesa*. Lisboa: Valentim Costa Deslandes. Tomo I. [Em Linha]. [Consult. a 31.1.2010]. Disponível em <http://purl.pt/434>

FELGUEIRAS GAIO, M. J. C. (1938) – *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Braga: Oficinas Gráficas da PAX. Tomo XIV.

GUIMARÃES, J. D. de O. (anot.) (1908) – *Vimaranis Monumenta Historica : a saeculo nono post Christum usque ad vicesimum*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

LOPES, E. T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

RÉAU, L. (1997) – *Iconografia del arte Cristiano*. Barcelona. Ediciones del Serbal.

⁵ Santo Estêvão: reconhecido por ser um santo curador, protector das pessoas doentes. Normalmente é representado jovem e imberbe, albergando dalmática de diácono e estola. Alguns dos seus símbolos iconográficos são o livro, as pedras e a palma (atributos do seu martírio). As festividades realizadas em honra de Santo Estêvão são comemoradas no dia 26 de Dezembro. (Réau, 1997: 459-472).

⁶ A imagem de Santo Estêvão, localizada num nicho do retábulo-mor, é uma peça bastante recente, tendo sido adquirida há cerca de cinco anos e proveniente da cidade de Braga (Informação prestada por fontes orais da freguesia). A original imagem de Santo Estêvão encontra-se numa casa particular, na mesma freguesia. A última vez que o Gabinete do Património Histórico da C. M. L. teve conhecimento da peça, esta encontrava-se em muito mau estado de conservação, no entanto, é uma peça de elevada qualidade artística.

⁷ Segundo informações dos paroquianos da freguesia esta imagem terá sido restaurada há cerca de 50 anos.